

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

LUÍS CARLOS TEIXEIRA DA SILVEIRA

**“MAS NÃO É HOMEM, É TU!” REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DE
PROFESSORES-HOMENS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Porto Alegre

2012

LUÍS CARLOS TEIXEIRA DA SILVEIRA

**“MAS NÃO É HOMEM, É TU!” REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DE
PROFESSORES-HOMENS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque por meio dele, por ele e para ele são todas as coisas; a ele, pois, a glória para sempre.

À professora Sandra dos Santos Andrade, minha orientadora, pelo carinho e auxílio prestados, fazendo com que o percurso deste trabalho fosse mais seguro e confiante e não menos desafiador.

À Débora Silveira, minha amada esposa, sem a qual não seria possível a conclusão deste curso. Seu amor e carinho me acompanharam todos estes anos, servindo-me como refrigério e fortalecimento para as batalhas diárias.

A Tânia e Rogério, meus pais, por serem minha primeira referência de educação e por contribuírem em minha formação com amor e carinho.

Aos meus irmãos, que são o suporte da minha vida.

Às colegas e aos colegas que tive, pois com eles aprendi aquilo que não se ensina e, sim, aquilo que se vive. Aprendi sobre a vida e sobre as amizades. Descobri/redescobri e me construí através de grandes relacionamentos, e sou fruto dessas relações. As longas caminhadas são mais agradáveis quando estamos acompanhados dos amigos.

À Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que serviu como base estratégica para minha formação docente, a qual desejo que prossiga nesta busca de qualificação para a educação.

Às escolas e aos alunos pelos quais passei. Não foram apenas momentos felizes, mas foram modeladores para minha experiência como docente. Agradeço porque aquilo que aprendi constitui aquilo que sou.

Aos professores entrevistados, que forneceram preciosas contribuições para esta pesquisa.

Verdades da profissão de professor

Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. A data é um convite para que todos, pais, alunos, sociedade, repensemos nossos papéis e nossas atitudes, pois com elas demonstramos o compromisso com a educação que queremos. Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo focar a docência do professor-homem realizada em turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental, buscando refletir/problematizar/analisar a profissão de pedagogo e professor, pensada no senso comum como algo inapropriado para homens. Utilizou-se como referência bibliográfica autores que discutem as relações de gênero e docência, na perspectiva dos estudos culturais. Através de três entrevistas semiestruturadas com professores-homens, que atuaram nesse campo profissional, buscou-se estabelecer ligações que permitam responder às questões: como você vê o exercício da prática docente de um professor-homem? Quais as possibilidades e os limites dessa prática? Procurou-se discutir a forma como este profissional vê sua inserção dentro da escola e o desenvolvimento de um trabalho pedagógico realizado por ele nesse espaço, problematizando o discurso que professa que o magistério é uma profissão feminina. Fez-se necessária uma análise de quão natural se tornou para nossa sociedade o exercício da docência por profissionais do gênero feminino e quais desdobramentos ocorrem quando um professor-homem ingressa nesse ambiente. Olhar para as representações de professores-homem em alguns filmes foi uma das formas utilizadas para compor a análise e mostrar como essa representação é produzida/construída constantemente em nossa sociedade.

Palavras-chave: Professor-homem. Formação docente. Gênero.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 “MAS NÃO É HOMEM É TU!” – JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA E METODOLOGIA.....	8
1.1 Metodologia de pesquisa.....	9
2 FEMINIZAÇÃO: A ESCOLA PARA PROFESSORAS.....	13
3 PROFESSOR-HOMEM: IDENTIDADE E GÊNERO.....	16
4 “UM PEQUENO PASSO PARA O HOMEM... A CONQUISTA DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO”.....	19
4.1 Por que Pedagogia?.....	19
4.2 Gênero e cultura.....	21
5 O PROFESSOR-HOMEM NA MÍDIA.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

A escolha desta temática surge a partir da observação de algumas práticas docentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, realizadas em minha trajetória de trabalho nesta área e dentro de minha formação acadêmica. Um *estranhamento* se constituiu desde meu ingresso no campo educacional: não temos o hábito, em nossa cultura, de presenciarmos professores-homens em nossas escolas nos anos iniciais. Por consequência, quando este ingressa em uma sala de aula, acaba tornando-se motivo de olhares, perguntas, questionamentos, avaliações, preconceitos. Ao perceber tais situações, senti-me intrigado a pesquisar sobre isso.

Foi necessário discutir algumas questões para orientar o trajeto que pretendo percorrer na tessitura deste trabalho, como é o caso da feminização do magistério. Ao se considerar o espaço docente do Ensino Fundamental como um território educacional que é de predominância feminina, causa-nos estranheza conceber o professor-homem nesse espaço. Refletir a respeito de como isso se naturalizou serviu como alicerce para essa questão.

Por ser tão natural associarmos o magistério às mulheres, quando vemos homens nesses espaços de formação de professores e de atuação profissional nas escolas em anos iniciais, ressaltamos nossa atenção sobre eles. O destaque aqui feito não pretende avaliar a qualidade do trabalho e da atuação do professor-homem, mas sim discutir o fato de que, culturalmente, se tornou tão comum vermos esses espaços educacionais ocupados por mulheres e que, quando um homem ingressa nesse local, ele acaba sendo evidenciado, provocando perguntas, reflexões e estranhamentos de diferentes ordens. Que homem é esse que atua nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Para dar voz e corpo a este trabalho, realizei três entrevistas semiestruturadas com professores que atuam ou atuaram com alunos especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No primeiro capítulo, abordei a justificativa para a escolha do tema e a metodologia de pesquisa que foi utilizada para a construção do material empírico.

No segundo, busco pensar o magistério e a feminização desse campo, alguns desdobramentos culturais que estão implicados nessa questão.

No capítulo 3, trago uma reflexão a respeito do conceito de gênero e também uma breve análise a respeito da formação da identidade do professor-homem.

O quarto capítulo discute a atuação dos professores entrevistados, suas reflexões sobre a própria prática no campo da educação. O foco desse capítulo está na análise das falas dos entrevistados.

No quinto capítulo, trago uma consideração a respeito das representações de professores-homens, nas mídias de entretenimento, tendo como foco principal dois filmes. O tema central deste trabalho é enfatizado e explorado em obras de ficção que mostram a atuação de um professor-homem assumindo o cuidado de alunos pequenos.

Na última seção, faço minhas considerações, apresento minhas conclusões, aprendizados e reflexões. Ao final, apresento alguns questionamentos que surgiram ao realizar esta pesquisa, relacionando, inclusive, com minha própria prática docente como um professor-homem dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

1 “MAS NÃO É HOMEM É TU!” – JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA E METODOLOGIA

Certa vez protagonizei uma cena bastante intrigante que se passou em uma escola onde eu estagiava. Estava quase completando dois anos de estágio na instituição. Minha função era auxiliar de corredor, ou seja, eu auxiliava todas as professoras do andar.

Por necessidade, em alguns momentos eu assumia a sala de aula na falta de alguma professora. Após algumas substituições, surgiram reclamações de pais para a direção da escola, por sentirem-se incomodados com a presença de apenas “um homem” na sala de aula. Isso foi reforçado quando me deparei com uma nova colega, que não tinha nenhuma formação na área da educação, mas, por ser mulher, iria desempenhar a função de substituição de turmas. A mim foi pedido que não substituísse mais; minha nova e exclusiva função era resolver problemas comportamentais dos alunos que atrapalhassem o andamento das aulas.

Esse episódio demanda uma breve reflexão sobre o lugar do masculino na escola. O homem, de forma naturalizada, acaba sendo posto como aquele que disciplina, que realiza a penitência – em outras palavras, a ele é conferido todo o “trabalho de disciplinamento” dos/as alunos/as. Por conseguinte, à mulher é dado o lugar do cuidado, do afeto, do trato, do toque, assemelhando-se à imagem do que socialmente temos como próprio do feminino. É isso, ainda, que pais e mães esperam da escola; talvez mais do que pedagogia e/ou educação, deseja-se o cuidado, o que seria algo *tipificado* como associado à mulher.

Espantou-me o fato de a escola preferir colocar uma pessoa que não tinha formação pedagógica – mas que tinha como qualificação ser um indivíduo do gênero feminino – a ter em sala de aula um professor-homem, que inclusive já tinha uma experiência de quase dois anos naquela mesma instituição.

A frase que dá o título a este capítulo e ao trabalho como um todo faz parte de uma das minhas vivências e experiências. Na escola em que trabalhei, surgiu a oportunidade de um dos estagiários de pedagogia se tornar professor auxiliar do segundo ano – fixar-se em uma única turma. Fiquei apreensivo para que pudesse ter essa oportunidade, pois já estava naquela instituição havia bastante tempo. Porém foi escolhida outra colega com menor tempo de experiência na área da educação.

Soube, pelo setor pedagógico, que um grupo de pais não queria um homem na turma de seus filhos.

Bastante chateado com a situação, compartilhei com uma colega de setor sobre o dilema no qual me encontrava ao vivenciar tal situação. Afirmei que, por ser homem, eu estava perdendo meu espaço naquela área. Foi então que ouvi de minha colega a frase: “Mas não é homem, é tu!”. Ela tentou me explicar depois, na desnecessária tentativa de se retratar, de que não era qualquer tipo de homem: era um que possuía certa experiência de atuação docente e que poderia desempenhar o papel de professor sem muitos conflitos, cumprindo o esperado para um professor ou uma professora em formação.

Talvez para esses pais o gênero masculino remeta ao inapropriado para a sala de aula, para aquele que não pode ocupar esse lugar. Tal forma de representar o gênero masculino pode ser entendida como parte das práticas sociais nas quais vivemos e até por muitas vezes reforçamos, pois dessa forma fomos educados. Segundo Louro (1995, p. 103),

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos.

A conversa com a colega em questão me forneceu elementos valiosos para compor a investigação e a reflexão deste trabalho. Sendo assim, fui levado a refletir sobre como é constituído o professor-homem e o que ele precisa dar conta de ser e fazer, além do domínio dos conteúdos escolares.

1.1 Metodologia de pesquisa

A metodologia empregada para a realização desta pesquisa é a de entrevistas semiestruturadas em profundidade. Procurei proceder de maneira *natural* com os entrevistados, sem um grau de hierarquia, procurando assim estabelecer reciprocidade entre perguntas e respostas, como numa conversa informal. De

acordo com Lüdke e André (1986, p. 33), “é importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica com o pesquisador e o pesquisado”.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, para serem mais bem aproveitadas em seu conteúdo. Isso permitiu reouvir meus entrevistados e analisar suas falas com mais calma e tranquilidade.

As questões que preparei não seguiram uma ordem rígida. Partiram de um questionário semiestruturado previamente pensado, mas utilizado de maneira aleatória, respeitando uma ordem lógica de acordo com a direção que a conversa ia tomando. Sem perder o norte daquilo que eu pretendia com a pesquisa, busquei focar os atravessamentos das questões relacionadas ao gênero dentro da prática desses profissionais. Alguns dados eram necessários para situar melhor a entrevista, o entrevistado e seus ditos, como: formação, tempo de trabalho em sala de aula, atuação em anos iniciais. Sobre o assunto especificamente, as questões-chave para minha análise foram como o professor-homem se sente ao atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e quais desafios e possibilidades que essa atuação oferece.

Algumas perguntas foram surgindo ao longo da conversa, de acordo com as experiências vividas e lembradas pelos professores. Para Lüdke e André (ibidem, p. 34),

[...] o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas livres, menos estruturados. As informações que se quer obter, e os informantes que se quer contatar, em geral professores, diretores, orientadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível.

A questão central deste trabalho é investigar a prática docente de professores homens que atuaram ou atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tomando como eixo analítico a questão do gênero masculino como regente de turma. Ao longo das análises, exponho fragmentos das falas dos professores entrevistados, os quais serão chamados de professor 1, professor 2 e professor 3.

Apresento aqui um pouco da história de vida profissional de cada entrevistado. O entrevistado 1 é meu colega no curso de Licenciatura em Pedagogia, um professor em formação, mas com uma experiência de longa data.

Trabalhou por muito tempo como professor de música em níveis de educação infantil, mesmo sem graduação nessa área. Contou com seus conhecimentos na área de instrumentos musicais e o aprendizado de violão que teve com seu irmão. Sua experiência se limita a escolas particulares de educação infantil e a algumas escolas onde realizou estágios curriculares. No momento está cursando o último semestre da Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e atua ainda como professor de música em algumas escolas particulares de Porto Alegre.

O entrevistado 2 não está atualmente na sala de aula. Como ele mesmo descreve, “não se vê mais nesta profissão”. Hoje ele é um funcionário público, em cargo administrativo na Congrade da Faculdade de Administração da UFRGS. Ele lecionou apenas durante sua própria formação, em estágios obrigatórios com segunda série e estágios remunerados com alunos de três a 10 anos em laboratório de informática. Ele chegou ao curso de Pedagogia através de transferência interna de curso. Iniciou licenciatura em Matemática e, ao encontrar dificuldades, resolveu fazer uma mudança, impulsionado pela possibilidade de seguir a carreira acadêmica e ser professor universitário.

O entrevistado 3 é um professor atuante na área educacional e nos anos iniciais de Ensino Fundamental. No momento, ele é professor de quinto ano do Ensino Fundamental, com docência compartilhada, em uma escola pública federal em Porto Alegre. Formado em Pedagogia, realizou mestrado e recentemente concluiu o doutorado em Educação.

Para fazer a seleção dos entrevistados foi necessário buscar informações com professoras da UFRGS sobre ex-alunos do curso de Pedagogia. A dificuldade na seleção direta em escolas ocorreu pelo fato de poucas instituições possuírem em seu corpo docente professores-homens nas séries iniciais. Consideraram-se suficientes as três entrevistas para dar conta de responder ao problema de pesquisa, já que os professores vinham de experiências distintas dentro da escola, vividas em tempos diversos. Os professores foram contatados via e-mail e prontamente aceitaram participar da pesquisa, o que foi de grande contribuição para meu trabalho. Coloquei-me à disposição para entrevistar cada um da forma que fosse mais adequada às suas rotinas.

O professor 1 preferiu que o encontro se desse em sua universidade, pois era próxima à sua casa, e a entrevista poderia ser feita antes do horário de aula. Essa

entrevista foi realizada no dia 9 de maio de 2012 e durou aproximadamente 60 minutos.

Já o professor 2 propôs que nossa conversa fosse realizada em seu local de trabalho, na secretaria da Comgrad da Escola de Administração da UFRGS. Nossa entrevista foi realizada no dia 5 de junho de 2012 e durou 50 minutos.

O professor 3 também foi entrevistado em seu local de trabalho, que é o Colégio de Aplicação da UFRGS. Ocorrida no dia 5 de junho de 2012, essa entrevista durou 52 minutos.

2 FEMINIZAÇÃO: A ESCOLA PARA PROFESSORAS

Quando entramos em uma escola ou em um curso que trate sobre a formação de professores, relacionado às séries iniciais do Ensino Fundamental, percebemos que esse grupo é composto por mulheres quase em sua totalidade. Os poucos professores-homens presentes nesses ambientes, em sua maioria, não são os professores dos anos iniciais, mas geralmente fazem parte do grupo de Educação Física, Informática, Inglês ou outras disciplinas especializadas.

Quantos colegas do sexo masculino você tem dando aulas na Educação Infantil ou nas primeiras séries do Ensino Fundamental? Esta pergunta foi colocada numa matéria na Revista Nova Escola em junho de 2005 (edição 183 – jun/2005). Com o título: *O papel positivo do homem na educação das crianças*, a matéria chamava atenção para a importância do homem no desenvolvimento das crianças na escola. A resposta a esta pergunta geralmente é “um ou dois, talvez que ensinam Educação Física ou Língua Estrangeira”. (FERREIRA, 2008, p. 14).

Esta ainda é uma realidade nas escolas brasileiras. A matéria da revista citada já foi publicada há sete anos e ainda mantêm-se as circunstâncias de que poucos são os homens atuantes no ambiente escolar. O que permite que permaneça essa condição na escola é algo maior do que simplesmente um baixo índice de homens ingressando nos cursos de Pedagogia. Na realidade o que se pode afirmar é que a escola tem sido construída histórica e socialmente como um espaço feminizado, em que o trabalho efetivo é realizado pelas mulheres, embora existam homens que marquem sua presença na escola.

Apesar de a mulher ser vista como minoria ou em uma posição de inferioridade em diversos campos de trabalho e de conhecimento, na área da educação, principalmente na educação infantil e nos anos iniciais, a ela é conferido o dever de educar. Sempre ligado a isso está a relação de cuidado, como qualidades inatas que se atribuem à mulher e ao ser feminino.

No senso comum, cabe à mulher o dever matriarcal de cuidar, proteger e educar. Já o homem, sendo professor nos anos iniciais, pode ser visualizado como sendo usualmente “a exceção, a nota de rodapé, o desvio da regra feminina – em tema central” (LOURO, 1997, p. 23).

Segundo a autora, as instituições e as práticas sociais são representadas pelos gêneros: “O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das

reflexões sobre as construções culturais de masculino e feminino” (LOURO, 1997, p. 93).

A criação de um ideal da professora da escola infantil, conforme Louro (ibidem, p. 101), foi se materializando no decorrer dos anos, nas relações sociais, como a portadora da virtude, do amor, da dedicação e da vocação. A ideia mística de vocação da ação educativa é um dos pontos mais fortes da professora idealizada. Essa idealização, no entanto, não é um fenômeno singular da sociedade brasileira, mas algo que passou a integrar o imaginário social em diferentes contextos culturais, a partir de determinados momentos históricos.

O fato nos leva a supor que tal idealização não se deu de forma gratuita, mas que foi construída historicamente para cumprir funções. Assim, cuidar, tomar conta (das crianças) é um papel social atribuído às mulheres, já que se aproximam dos atributos maternos, ao lado de outras que socialmente se atribuem ao gênero feminino e que podem ser uma das bases para se entender a feminização do magistério. Para Louro (ibidem), o cuidar é uma característica humana, porém ela ainda está arraigada, na visão da sociedade, às ocupações femininas. Surge basicamente dessa ligação do cuidar com a figura feminina e, mais tarde, com a figura materna, quase indissociável da professora de crianças – assim, a educação de crianças passou a ser considerada uma profissão feminina. No Brasil, essa característica é mais perceptível a partir do início do século XX.

As instituições escolares definiram, ao longo do tempo, um padrão de normalidade em seu corpo docente. Culturalmente foram se naturalizando os aspectos femininos, no sentido maternal, a questão dos baixos salários, os homens necessários em outras frentes de trabalho, o aumento da demanda por professores em função da expansão da escola, a busca das mulheres por educação e profissionalização. Houve um grande embate político e econômico de lutas das mulheres por conquista de espaço no mundo do trabalho, e o magistério, por essas características de extensão da maternidade (intencionalmente construída por diferentes espaços) favoreceu esse ingresso feminino na escola, sendo requisito necessário para dar aulas para crianças ter essas qualidades de cuidado e delicadeza. Ainda hoje, no entanto, no que diz respeito à imposição de limites e comportamentos adequados aos alunos, a realização de pesquisa e teorização sobre currículo e conhecimento, a elaboração de leis e diretrizes – ou seja, aspectos

que orientam a organização da escola – são geralmente funções ainda exercidas por homens. Conforme Louro, “a escola é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento – e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens” (1997, p. 93).

É ainda mais evidente a presença masculina na direção, na coordenação e nos cargos de maior visibilidade nas escolas. Talvez isso se modifique quando nos referimos às escolas municipais e estaduais. Entretanto os cargos políticos relativos à educação ainda são em grande parte exercidos por homens, como em ministérios e secretarias estaduais e municipais de educação. Assim, justifica-se o estranhamento causado quando uma figura masculina ingressa na sala de aula para ter esse contato direto, ensinar o aluno, como regente de classe.

No tocante à cultura, nada se estabelece do dia para a noite. São construções históricas e se apoiam em fatores ou *pilares* que já foram anteriormente construídos. E à medida que a escola foi encontrando seu espaço na sociedade e na cultura, em cada época, foi desempenhando papéis diferenciados, inicialmente voltados aos interesses religiosos, distinguindo o indivíduo escolarizado do não escolarizado. Transmitem-se, assim, uma ideia de *status* para quem era escolarizado, ou seja, quem passasse pela escola. A figura que representava essa *elite* escolar era um religioso, ou seja, um homem.

Escrevo no masculino porque o mestre que inaugura a instituição escolar moderna é sempre um homem; na verdade um religioso. Católicos e protestantes, na disputa de fiéis para suas igrejas (e em suas disputas com os nascentes estados), investirão na conquista das almas infantis [...] (LOURO, 1997, p. 96).

3 PROFESSOR-HOMEM: IDENTIDADE E GÊNERO

“O que você quer ser quando crescer?” é uma pergunta clássica que se faz para as crianças em diversos momentos da infância. As respostas delas variam de acordo com as vivências de cada uma das famílias onde estão inseridas, ou até mesmo podem variar de acordo com a idade de cada criança. Os pais têm um peso nessas respostas. Por vezes, um menino deslumbrado com a imagem que carrega de seus pais responde que quer ter a mesma profissão que exerce o seu pai ou sua mãe. Os pais se orgulham quando ouvem que seu filho sonha em ter uma profissão prestigiada socialmente. Envaidecem-se daquela resposta. Porém, quando a resposta é uma profissão menos prestigiada socialmente, surge uma situação angustiante. E começa então uma batalha para fazer o filho mudar de ideia.

É bem certo que a criança questionada terá um longo caminho até decidir o que realmente fará de sua vida profissional. No entanto desde cedo ela é questionada. Sem saber bem do que trata cada profissão, vai descobrindo o lugar social destinado a elas, a partir das reações de quem pergunta à resposta que ela dá. Assim, vai elaborando o que poderiam ser profissões prestigiadas e não prestigiadas em nossa cultura.

Usei essa ilustração para iniciar este capítulo, pois nele estarei refletindo teoricamente a respeito da identidade do professor-homem de anos iniciais do Ensino Fundamental e do conceito de gênero. Este é entendido como algo construído cultural e socialmente.

Gênero é um conceito plural e refere-se a todas as concepções sociais, culturais e linguísticas que se organizam em torno do masculino e do feminino. Mais que isso, envolve a problematização dos processos que têm servido para diferenciá-los. Coloca em xeque o uso das diferenças calcadas na biologia e/ou na anatomia para justificar as inúmeras desigualdades vividas por homens e mulheres na esfera social. (ANDRADE, 2008, p. 61).

Os estudos culturais apontam que não há uma identidade fixa nos sujeitos, mas, sim, identidades fluidas, instáveis, parciais, particulares e múltiplas. Além disso, afirmam que as identidades são atribuições sempre ditas e nomeadas no interior contextual de uma cultura. Assim, as formas pelas quais os professores constroem, reconstróem ou mantêm a sua identidade de professores-homens revelam-se de suma importância para o entendimento dos conflitos e das contradições existentes no desempenho de sua profissão.

Assim, gostaria de privilegiar aqui o conceito de gênero não ligado ao desempenho de papéis masculinos ou femininos, mas sim ligado à produção de identidades – múltiplas e plurais – de mulheres e homens no interior de relações e práticas sociais. (LOURO, 1997, p. 77).

Ao pensar quem é este professor-homem que está na sala de aula, percebemos que ele não possui uma identidade única, apresentando diversos modos de ser professor, os quais foram construídos a partir da vivência cultural de cada um, suas experiências.

Representação envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos [...]. A representação envolve, pois, as práticas de construção e partilhamento de sentidos na cultura, pela operação de diferentes e variados signos e sistemas de classificação. (MEYER, 2000, p. 58).

Segundo Andrade (2008, p. 143), o conceito de representação está ligado à maneira como os indivíduos falam de si mesmos, como pensam e descrevem os grupos culturais aos quais pertencem:

Os processos de representação dão-se sempre a partir de uma relação entre o referente e o outro. Ou seja há aquele/a que tem o poder de/para representar e aquele que pode ser representado: a escola e o aluno, respectivamente, embora não sem resistências.

As questões de gênero vêm sendo muito discutidas em diversos campos de conhecimento, principalmente nos estudos feministas. É muito importante que se tenha clareza a respeito desse conceito. Neste trabalho, apresento como ponto principal dessa conceituação o sentido de gênero como construção cultural e social de representações do que é ser masculino e ser feminino: “gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são ‘generificadas’, ou seja, expressam as relações sociais de gênero)” (LOURO, 1997, p. 103).

Podemos afirmar que gênero são as relações que se estabelecem entre homens e mulheres na esfera do social e do cultural e que vão marcar os modos diferentes de esses sujeitos viverem no espaço social.

O Professor 3, ao falar sobre gênero e docência, demonstrou a ideia de que a condição de professor-homem não o limita de ter características e qualidades que foram naturalizadas como femininas, tais como o cuidado e a paciência atribuídos ao feminino.

A gente pode ser homem feminino [...] a docência é uma profissão que transforma a gente todo dia.

Professor 3 (entrevista em 5/6/2012)

Louro afirma que essa ideia de gênero se faz no contexto histórico e através das relações entre homens e mulheres.

Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando. (1997, p. 39).

Tais conceitos de gênero e identidade, revisados aqui, serão de extrema importância ao analisar as falas dos entrevistados, na busca por entender o professor-homem na escola, sua identidade não formatada, datada, mas construída por aqueles que buscam compor esse ambiente.

4 “UM PEQUENO PASSO PARA O HOMEM... A CONQUISTA DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO”

Neste capítulo, analiso as entrevistas dos professores-homens, buscando responder as questões que norteiam este trabalho. Pensando no âmbito do gênero, reflito sobre quais foram os limites e as possibilidades da prática pedagógica como professor-homem. Não trago análises fechadas, mas tentativas de reflexões a respeito da prática docente de professores-homens. No decorrer das falas, surgiram alguns eixos analíticos para a análise. O primeiro diz respeito à escolha feita por eles pela Pedagogia. O segundo eixo permite uma discussão a respeito das questões culturais agregadas ao gênero que os professores entrevistados trouxeram em suas falas e alguns aspectos relevantes a respeito da sua prática docente, e remete à questão da organização do ambiente escolar.

4.1 Por que Pedagogia?

Ao refletir sobre as falas dos professores entrevistados nesta pesquisa, é possível afirmar que a escolha pela profissão de pedagogo e professor de crianças não é uma primeira opção para a maioria dos homens. Dos três entrevistados, apenas o Professor 3 tinha a Pedagogia como sua primeira opção profissional.

Tentei vestibular para esse curso [Farmácia], porque até então eu não aceitava minha condição de professor [de música]. Daí depois de “bater a cabeça aí” dois anos, fazendo o curso e tentado fazer funcionar, parei pra pensar neste trabalho que eu fazia [professor de música] e pensei na possibilidade de isso... ser a minha cara... eu tinha um bom resultado com os alunos... e aí eu comecei a me dar conta de que eu podia fazer o curso de Pedagogia.

Professor 1 (entrevista realizada dia 9/5/2012)

O Professor 1, ao ser questionado a respeito de sua escolha pela profissão, coloca que sua trajetória foi inversa. Começou na adolescência, durante o Ensino Médio, a fazer trabalho comunitário, ensinando crianças na disciplina de música, em escolas de educação infantil. Já no momento em que foi prestar vestibular, preferiu um curso na área da saúde, em virtude do prestígio e do maior *status* que o curso lhe poderia conferir.

O Professor 2 teve sua trajetória marcada também por uma troca de curso. Inicialmente, ele cursou o vestibular para Matemática. Essa escolha se deu pelo fato de ter tido, ao longo de sua trajetória escolar, um bom desempenho nessa matéria, mas esse desempenho não se repetiu no curso universitário e houve a necessidade de um remanejamento de curso. Sendo a Pedagogia considerada por algumas pessoas como uma formação mais fácil do que as Ciências Exatas, ele optou por essa graduação. Então, entende-se que sua escolha se tornou ocasional, ocorrendo no andar de uma formação.

Descobri um dia, fazendo um exercício de matemática que queria ser professor!

Professor 2 (entrevista realizada em 5/6/2012)

A escolha do Professor 3 mostra uma reflexão mais pensada em satisfação pessoal do que em *status* profissional. É visível em sua fala que, para este professor, a Pedagogia foi sua primeira opção.

A reflexão que eu fiz depois de terminar meu ensino médio foi que a profissão de professor seria uma profissão que poderia me dar prazer, aí que eu despertei pra docência.

Professor 3 (entrevista realizada em 5/6/2012)

Escolher uma profissão na adolescência não é algo simples de resolver. É importante ter muitos olhares para que se possa ter uma ideia do que realmente significa para um jovem homem escolher a profissão de professor. Para tanto, Bock et al. enfatizam que

[...] ainda cabe ressaltar que a escolha de uma profissão não é algo simples, pois existem influências sociais, componentes pessoais e limites ou possibilidades entrando neste jogo. O importante é que, quanto mais o indivíduo compreende e conhece esses fatores, mais controle terá sobre sua escolha. (2002, p. 310).

É importante saber que a decisão pela Pedagogia para o professor-homem vem carregada por diversos obstáculos sociais e culturais. A escolha do curso de Pedagogia por parte dos homens tem sido rejeitada como primeira opção, provavelmente por considerarem uma profissão que exige características entendidas

culturalmente como femininas. A questão financeira também surge como um agravante para que essa profissão seja escolhida como meta profissional por eles.

Assim, as formas pelas quais os professores constroem, reconstróem ou mantêm a sua identidade de professores homens revelam-se de suma importância para o entendimento dos conflitos e das contradições existentes no desempenho de sua profissão. Afinal, os professores exercem uma profissão socialmente definida como feminina. Assim, a prática e a identidade docente dos professores devem ser compreendidas como formas de se representar a masculinidade na escola. (CARDOSO, 2004, p. 3)

4.2 Gênero e cultura

Gênero está ligado a como se apresentam culturalmente ou como se organizam as relações existentes entre homens e mulheres na sociedade, marcando e modulando a vida desses sujeitos. Partindo deste conceito de gênero, posso refletir sobre algumas falas de meus entrevistados.

O entrevistado 2, falou sobre o destaque que os alunos lhe deram, ao ingressar na escola sendo professor-homem.

Só porque eu era homem eles achavam que eu era o melhor professor que eles tinham tido.

(Professor 2, entrevista realizada em 5/6/2012)

Bourdieu contribui para analisar essa consideração do professor:

A dominação masculina está suficientemente assegurada para precisar de justificação: ela pode se contentar em ser e em se dizer nas práticas e discursos que enunciam o ser como se fosse uma evidência, concorrendo assim para fazê-lo ser de acordo com o dizer. (BOURDIEU, 1995, p. 137).

Os valores sociais ajudam a compor um *lugar de segurança*, no qual os indivíduos inseridos sentem maior conforto para atuarem. Isso não é diferente nas questões referentes aos gêneros. Quando um indivíduo cumpre as determinações tidas como *referências* na cultura – que é a de ser homem, branco, heterossexual etc. –, ele é socialmente posicionado como mais apto ou mais competente para cumprir certas funções e ocupar determinados espaços, mesmo que mais adiante ele venha a sofrer com outras exigências.

A escola é um ambiente feminino, mas muito machista, isto nós vemos nas questões do dia a dia, de que a menina que vai bem é esforçada e o menino que vai bem é inteligente. Via de regra, as professoras vão ser esforçadas e os professores serão inteligentes.

Professor 2 (entrevista realizada em 5/6/2012)

O Professor 2 relata na entrevista sua ideia de que a escola é um ambiente feminino no sentido do fazer, porém no pensar é masculino. A educação, em si, está situada no contexto de uma sociedade machista, o que nos leva a refletir a respeito do currículo e de sua construção. As situações que organizam as representações de currículo são, de certa forma, constituídas e arranjadas *pela e na* cultura e sociedade em que se vive.

Talvez sejam muito sutis os jogos de poder que tecem os currículos, os programas, as normas ou as avaliações escolares; mas não podemos mais deixar de perceber o quanto estamos neles implicadas/os, em consequência, o quanto somos responsáveis pela manutenção ou subversão desses jogos. (LOURO, 1997, p. 92).

O Professor 3 afirma que existe a possibilidade de um olhar diferente sobre a ideia de que a escola é um lugar feminino mas machista, como o Professor 2 afirmou. Ele demonstra que esses aspectos que a cultura naturalizou como feminino são, na realidade, algo do ser humano em si.

Cuidado com o outro, que não é da mulher em si, mas sim do sujeito feminino. A gente pode ser homem feminino [...] a docência é uma profissão que transforma a gente todo dia.

Professor 3 (05/06/2012)

Ao se colocar como um homem feminino, ele pôde se reinventar dentro da escola. O cuidado não está calcado no sexo; é algo que podemos ou não ser capazes ou querer exercer. A sociedade é que inventou o cuidado como sendo algo inato do feminino, e essa representação cultural, por sua repetição, tornou-se hegemônica.

5 O PROFESSOR-HOMEM NA MÍDIA

As representações da mídia de professor-homem ajudam a compor um imaginário social. Filmes, desenhos e reportagens representam ideias e conceitos sobre o professor-homem. A mídia nos vende representações que vão se naturalizando na cultura. Trago essa abordagem das representações da mídia sobre os professores como forma de avaliar aquilo que culturalmente é construído, transmitido e reforçado constantemente:

É preciso entretanto evocar o trabalho de formação que se realiza, seja através da familiarização com um mundo simbolicamente estruturado, seja através de um trabalho de inculcação coletivo, mais implícito do que explícito, do qual fazem parte principalmente os grandes rituais coletivos, e pelo qual se opera uma transformação durável dos corpos e da maneira usual de usá-los. (BOURDIEU, 1995, p. 143).

Podemos identificar alguns desses rituais coletivos que operam essas transformações que Bourdieu destaca, através da própria mídia e de suas produções. O avanço tecnológico proporciona cada vez mais um aumento na disseminação de ideias. Os jornais, os filmes, os desenhos e as mídias de relacionamentos criam uma *teia* de interações que podem reforçar e até reformular os conceitos sociais.

Pensando nos professores e em suas representações midiáticas, podemos compor um pouco do quadro no qual, ao longo dos anos, temos social e culturalmente embasado nossas concepções sobre o que é ser professor. Em algumas representações, geralmente as expressas em charges ou em piadas orais, o professor-homem é associado ao baixo salário, à pena coletiva, à miserabilidade.

Figura 1 – Charges sobre professores



Fontes: <<http://acertodecontas.blog.br/wp-content/uploads/2012/05/professor-calma-calma.jpg>> e <http://maringa.odiario.com/blogs/odiarianaescola/files/2012/02/charge_salario_professor.jpeg>.

O professor representa uma faixa social desvalorizada e muitas vezes ridicularizada. Esse conceito de miséria pode ser percebido nos questionamentos que são feitos aos homens quando optam pelo magistério. Não se concebe um homem nesse trabalho, porque socialmente a profissão não proporciona grandes rendimentos financeiros e *status* social. Isso pode ser observado na fala do Professor 2.

Não trabalho mais com crianças por uma questão profissional. Se eu voltasse pra trabalhar na educação, mesmo trabalhando as 40 horas, eu iria ganhar menos do que ganho agora como concursado de um setor administrativo.

Professor 2 (entrevista realizada em 5/6/2012)

A questão salarial pode ser um dos agravantes que contribuem para afastar cada vez mais os homens do ambiente educacional. As propostas salariais não são atraentes, ao ponto de influenciarem uma possível escolha por essa profissão. É claro que as questões salariais afetam homens e mulheres. Contudo, por vivermos em uma sociedade paternalista, na qual predomina a visão do homem-provedor, do chefe familiar – mesmo que isso não ocorra na prática de algumas famílias, nas quais as mulheres são responsáveis pela renda principal de subsistência –, alguns homens acabam mantendo esse conceito de serem os provedores. Isso pode influenciar na decisão de aceitar ou não um trabalho que lhe ofereça menos lucros; neste caso, a docência.

Os filmes, quando abordam salas de aula, retratam um professor não focado necessariamente nas questões salariais e, sim, nos desafios que enfrenta no cotidiano escolar. Ao retratarem professores-homens nas séries iniciais, usualmente existe um grande obstáculo a transpor para que a prática desse professor possa alcançar êxito. Por vezes, nos filmes analisados esses obstáculos dizem respeito a uma transformação de identidade. Dois filmes que abordam essa temática são *Um tira no Jardim de Infância* (1990, com Arnold Schwarzenegger)¹ e *A Creche do Papai* (2002, com Eddie Murphy)².

As transformações de identidade citadas são importantes para compreender como esses filmes apresentam seus conceitos. Por exemplo, no filme com Schwarzenegger, o autor vive um policial durão que tem preocupações ao lidar com bandidos e ladrões, mas que, ao ser chamado para uma missão secreta, precisa trabalhar disfarçado de professor.

Inicialmente esse policial não trabalharia como professor; essa parte da missão ficaria ao encargo de sua colega de trabalho, que era uma policial mulher. Em virtude de um imprevisto, a colega fica impossibilitada de realizar seu trabalho, e isso cria o ambiente propício para o surgimento do professor-homem, com a justificativa de que essa era sua única escolha para cumprir seu dever. Aqui analisamos que esse professor-homem não foi pensado; ele é uma consequência que surgiu em virtude de um propósito maior, que é o de um policial concluir sua missão prendendo os bandidos.

¹ “Um tira no jardim de infância” é um filme de 1990, do gênero comédia, dirigido por Ivan Reitman e baseado em história de Murray Salem. Com o objetivo de capturar um traficante de drogas, um policial e sua nova parceira resolvem se infiltrar em um jardim de infância, a fim de proteger o filho do criminoso e sua ex-esposa. Quando a parceira sofre intoxicação alimentar, o policial é obrigado a substituí-la na tarefa de ensinar crianças e acaba se apaixonando por uma das professoras.

² A creche do papai é um filme estadunidense, uma comédia lançada em 9 de maio de 2002, estrelada por Eddie Murphy e dirigida por Steve Carr. Phil (Jeff Garlin) e Charlie (Eddie Murphy) ficaram desempregados recentemente. Como não têm dinheiro para pagar a creche de seus filhos, são obrigados a cuidar deles em casa, até que arranjem um novo serviço. É quando eles têm uma ideia para ganhar dinheiro: criar uma instituição que cuida de crianças enquanto seus pais trabalham. A dupla coloca o plano em prática e, devido aos métodos pouco convencionais que usam ao cuidar das crianças, acabam ficando famosos e gerando o ódio de seus concorrentes.

Figura 2 – Cena do filme *Um Tira no Jardim de Infância*



Fonte: <<http://i1.r7.com/data/files/2C95/948F/35AE/A999/0135/AFD9/5D02/4A81/tira%20no%20jardim.jpg>>.

No filme de Murphy, o fator que *permite* o ingresso desses homens na atuação docente é a falta de emprego e a frustrada tentativa de conseguir outro. Ou seja, esses homens não tinham nada melhor para fazer. A escolha pela formulação de uma creche não se dá como ideia inicial, mas surge como uma necessidade pessoal que esses homens tinham de que alguém *cuidasse* de seus filhos. O fato de não conseguirem trabalho acaba levando-os para esse serviço. Parece que, se o sujeito não tem competência ou formação para fazer outra coisa, ele pode ser professor, ou seja, qualquer um pode trabalhar com crianças, porque persiste a ideia de cuidar.

Figura 3 – Cena do filme *A Creche do Papai*



Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-vrqlliWbMWM/T8gi_ybSSRI/AAAAAAAAACg/EcRgx0MRssM/s1600/creche+do+papai.jpg>.

Um detalhe que permeia os dois filmes gira em torno das formações desses homens: nenhum deles possui qualificação para o trabalho, no entanto isso não impede seus sucessos. Nos dois filmes, os professores-homens confrontam suas inexperiências com suas práticas inusitadas. Arnold usa um apito policial e diz para seus alunos que agora eles irão transformar suas preguiças e choros em músculos. Ele consegue criar uma espécie de *minipolícia*, com seus alunos bem treinados e disciplinados, cumprindo assim um dos papéis socialmente atribuídos ao gênero masculino: o da disciplina e da organização. No outro filme, Murphy ajuda a compor outra faceta do professor-homem, que está ligada à diversão. Suas ideias *malucas* cativam seu público e produzem grandes resultados, chegando ao ponto de sua creche rivalizar com as outras, as quais eram dirigidas e organizadas por mulheres. Algumas dessas ideias envolviam dar dinheiro para uma das crianças parar de chorar, ou então tocar violão para distrair e fazer as crianças dormirem, quando elas estavam literalmente destruindo a casa. Um dos trailers feitos para esse filme apresenta uma frase, que diz: “Eles estão prontos para ir onde nenhum homem jamais esteve”. É como se esse não fosse um lugar próprio para o masculino, e aqueles que se aventuram podem se dar bem, mas fica bem claro que esses professores devem ser criativos e determinados – em outras palavras, devem ser *homens*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho de pesquisa elaborado para a conclusão do curso e diante dos relatos dos professores entrevistados, é possível concluir que o homem tem o seu espaço no ambiente escolar. O que difere em minha análise são os modos como esses profissionais se constituem como professores; construção que não associa ao ato de formarem e moldarem-se a si mesmos, mas, sim, ao fato de que cada um deles carrega consigo uma carga histórica, imposta pelas questões sociais, culturais e de gênero. Esses homens são produtos de uma sociedade e falam dentro dos espaços que os constituem, por isso suas falas diferem em alguns pontos e se complementam em outros.

As pessoas, grande parte das vezes, repetem sem questionamentos os discursos políticos, educacionais, midiáticos ou científicos como verdades, porque estes estão ancorados em um conhecimento considerado legítimo. Esses dizeres tornam-se hegemônicos e representativos das formas de pensar e agir de todo o outro. (ANDRADE, 2008, p. 55).

As determinações de quem pode fazer o que em nossa sociedade são invenções que se deram historicamente na nossa cultura. Não importa o sexo de quem dá aula; importam as representações que se criaram em torno dessa profissão e de quem pode exercê-la. Pensar o cuidado como algo mais apropriado do que educar ou ensinar é uma invenção; dizer que mulheres cuidam melhor que homens é uma invenção; que salas enfeitadas pelos/as professores/as é melhor para a aprendizagem ou ludicidade do que salas decoradas pelos trabalhos dos alunos é invenção também. Essas questões não têm a ver com sexo, mas com a cultura e aquilo que nela se produz como certo ou errado, adequado ou inadequado.

As questões culturais e sociais influenciam fortemente na determinação do que é um espaço feminino ou um espaço estritamente masculino, e é importante que se tenha conhecimento das representações que são perpetuadas através do currículo escolar e das falas que vão moldando as identidades. Os professores entrevistados apresentaram formas diversificadas de se inserirem nesse ambiente tido como feminino, seja pela afirmação da hegemonia, na qual se utilizam das representações de gênero existentes, seja pela reflexão de uma nova postura que possibilite a existência do conflito, permitindo a atuação de um novo homem. Consolida-se, assim, uma forma de docência pautada no cuidado não pelas relações de gênero, mas nas concepções pessoais de cada indivíduo.

Os sujeitos são plurais, e mesmo dentro de um marcador identitário de gênero e de professor, os modos como foram constituídos e se constituindo como professor, seus espaços de trabalho, as experiências que tiveram até mesmo seus alunos, foram fazendo de cada um dos entrevistados professores de um determinado tipo, ou seja, não é unicamente o gênero que determina os modos de ser professor de cada um, a cultura na qual estão inseridos colabora de forma intensa na constituição de diferentes modos de ser professor-homem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.
- CARDOSO, Frederico Assis. **Homens fora de lugar?** A identidade de professores homens na docência com crianças. GT: Gênero, Sexualidade e Educação / n. 23, Belo Horizonte, 2004.
- FERREIRA, José Luiz. **Homens ensinando crianças**: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na Escola Rural. João Pessoa: UFPB, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 102-132, 1995.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MEYER, Dagmar E. Estermann. **Cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Sinodal; EDUNISC, 2000.